

O petróleo no Brasil e no mundo

Joel Mendes Rennó

Membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo; Membro da Associação Promotora de Estudos da Economia – APEC; Vice-Presidente do Rotary Club do Rio de Janeiro; Presidente da Cia. Vale do Rio Doce – 1978/1979; Presidente da Petrobras – 1992/1999; Presidente do Conselho de Administração da empresa Brasil Ecodiesel.

Já se disse há mais de um século e meio, que os fatos e personagens de grande importância na história costumam ocorrer duas vezes: a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. A lembrança desse comentário me faz recorrer ao tema desta reunião: o petróleo no Brasil e no mundo. Como fato e quase como personagem, o descobrimento, o desenvolvimento e o vertiginoso aumento da produção de petróleo, promoveu, ao lado do progresso, verdadeiras tragédias durante décadas, com rebeliões, guerras e sangrentas lutas pelo Poder. Se o petróleo transformou o mundo, sua posse e poder custaram também milhares de vidas em 150 anos de história. De outra parte, desde as duas denominadas crises, em 1970/1971 e em 1979/1980, quando o preço do barril decuplicou, em virtude da verdadeira chantagem promovida por ação da OPEP, foi-se estabelecendo uma espécie de farsa com relação ao produto, em que se

divulgava a preocupante informação de que o petróleo estaria com os dias contados e o mundo deveria se preparar para o seu fim próximo, dentro de no máximo 25 a 30 anos. As décadas seguintes, no entanto, até esta onde vivemos, desmentiram todas as previsões. O petróleo responsável pelo crescimento e desenvolvimento do capitalismo e de modernos negócios, continua sendo uma das maiores atividades industriais e comerciais do mundo, o melhor produto entre as grandes indústrias que se firmaram a partir da metade do século XIX, tendo sido o responsável pela criação e florescimento das primeiras e maiores empresas multinacionais. Nenhuma outra atividade define tão bem o risco e a recompensa, com grande impacto nas oportunidades e no destino.

Dentre estudos e publicações especiais que são elaborados sobre a matéria, o Departamento de Energia dos Estados Unidos divulga anualmente um compacto compêndio de dados e análises sobre a evolução da equação da energia no mundo. Para aqueles com interesse em conhecer e interpretar resultados estatísticos, a divulgação do International Energy Outlook (IEO), proporciona oportunidade única para avaliar mudanças importantes nas tendências energéticas globais, à semelhança dos antigos relatórios de rotina do Partido Comunista, publicados no *Pravda*, que proporcionavam outrora aos observadores do Kremlin, percepções quanto a mudanças na liderança de topo da União Soviética.

De fato, a divulgação recente do IEO 2009 permitiu aos observadores e estudiosos do assunto energia, revelações significativas sobre o petróleo no mundo. A revelação, por exemplo, de que se prevê uma queda aguda na projetada futura produção mundial, em comparação com expectativas anteriores e um aumento correspondente da dependência do que costuma ser chamado de “combustíveis não

convencionais”, isto é, areias petrolíferas, petróleo ultraprofundo, óleo de xisto e biocombustíveis.

Assim, aqui está a manchete: pela primeira vez, a respeitada Energy Information Administration do Departamento de Energia Americano parece se juntar àqueles peritos que desde há muito tempo argumentam que a era do petróleo barato e abundante chegou definitivamente ao fim. Quase igualmente notável, no que concerne a notícias, o citado relatório destaca a insaciável procura na Ásia por energia e sugere que a China está a mover-se cada vez mais para o ponto em que ultrapassará os Estados Unidos, como o consumidor número um do mundo. Claramente, uma nova era de competição energética implacável é iminente.

O Pico Petrolífero torna-se a nova norma

Em 2007, o IEO projetava que a produção global de petróleo convencional atingiria 106 a 107 milhões de barris por dia em 2030, um aumento substancial em relação aos 84 milhões de barris produzidos em 2006. Agora, em 2009, a edição mais recente do relatório reduziu aquele número projetado para 2030, de 106 a 107 milhões de barris para apenas 93 milhões de barris por dia, um impressionante declínio de expectativa de 14 milhões de barris por dia.

Mesmo quando se acrescenta a projeção do relatório de 2009, de um aumento maior do que o esperado na produção de combustíveis não convencionais, ainda assim acaba-se com um declínio líquido projetado de 11 milhões de barris por dia na oferta global de combustíveis líquidos, quando comparado aos números em ascensão projetados no relatório de 2007. O que significa este declínio, senão o crescente

pessimismo de peritos em energia no que se refere à oferta internacional de líquidos petrolíferos?

Muito simplesmente indica que os habituais otimistas analistas do Departamento de Energia, agora acreditam que a oferta de combustível simplesmente não será capaz de acompanhar o ritmo da ascensão da procura mundial. Durante anos e até hoje, geólogos de petróleo e especialistas em energia, têm estado a advertir que a produção mundial está a se aproximar do nível máximo diário sustentável – um pico – e subsequentemente irá declinar, produzindo possivelmente certa dificuldade econômica. Seja qual for o *timing* da chegada do Pico Petrolífero, há acordo crescente de que, pelo menos já entramos em seu território, ainda que não tenhamos chegado ao momento do declínio irreversível.

Em 2004, informava-se que o petróleo convencional atingiria sua produção culminante em meados do século XXI e não nas primeiras décadas.

Coerente com esta visão, relatava-se em 2005, um ano depois, que a produção global atingiria 122 milhões de barris por dia em 2021, mais de 50% acima do nível de 2002, que foi de 80 milhões de barris diários. Rejeitava-se, então, a opinião de especialistas quanto à época do Pico Petrolífero.

Para onde foi todo o petróleo?

Em 2025, segundo os atuais indicativos, a produção mundial de líquidos, convencionais e não convencionais, deverá atingir 101 milhões de barris por dia, sendo que a produção de petróleo convencional estará em torno de 90 milhões de barris por dia. Em termos da EIA, esta

é uma projeção profundamente pessimista no que se refere à futura capacidade de produção de petróleo, porém nos parece altamente improvável.

Os peritos da EIA (Energy Information Administration) afirmam, contudo, que reviram para baixo as projeções da futura procura de energia. Em 2005 projetava-se um consumo mundial de petróleo em 2025 de 119 milhões de barris por dia, abaixo da produção prevista naquele ano. Presentemente a projeção daqueles números para 2025 é de 101 milhões de barris por dia de consumo, convenientemente a quantidade exata que se espera que o mundo produza naquele momento. Se esta for realmente a situação, os preços do petróleo presumivelmente permanecerão dentro de uma amplitude administrável.

A parte do consumo, no entanto, parece o cálculo menos confiável desta equação, especialmente se o crescimento econômico continuar algo como o seu ritmo recente na China, na Índia e no Brasil. Na verdade, toda a evidência sugere que o crescimento nestes países já retomou o seu ritmo pré-crise no final de 2009 ou no princípio de 2010. Sob estas circunstâncias, a procura de petróleo acabará por ultrapassar a oferta, conduzindo os preços outra vez para cima, ameaçando potencialmente a economia global, com a repetição de alguma desordem. Para impedir a circunstância citada, seria importante considerar uma significativa elevação na produção de petróleo não convencional, que inclui, areias petrolíferas canadenses, petróleo extrapesado venezuelano, petróleo em águas ultraprofundas, petróleo do Ártico, petróleo do xisto, líquidos derivados do carvão (*coal-to-liquids* ou CTL) e biocombustíveis, onde a situação do Brasil é destacada. Atualmente, tudo isto acumulado constitui somente cerca de 4% da oferta mundial de combustíveis líquidos. Espera-se que atinja aproximadamente de 13% a 15% em 2030. No cômputo

geral, estima-se que a produção de líquidos não convencionais possa alcançar o volume de 13 milhões de barris por dia em 2030, com preponderância para o etanol.

Assim, indústrias inteiramente novas terão que ser criadas e implantadas para fabricar tais combustíveis, a um custo financeiro vultoso. A intensificação dessa atividade, por sua vez, está a provocar, como já provoca, um debate amplo sobre as consequências ambientais de produção.

Uma forte pegada energética sobre o planeta

As implicações geopolíticas desta transformação poderão ser impressionantes. Dentre outros desenvolvimentos, a influência global do Canadá, Venezuela e Brasil – todos eles produtores-chave de combustíveis não convencionais – forçosamente seria fortalecida.

O Canadá está a tornar-se cada vez mais importante como o principal produtor do mundo de petróleo extraído da areia betuminosa material espesso, pegajoso e viscoso que é extraído e tratado de vários modos, utilizando intensivamente energia, antes de ser convertido em petróleo sintético (*synfuel*). Segundo o relatório IEO, a produção das áreas petrolíferas, agora de 1,3 milhão de barris por dia, muito pouco lucrativa, poderia atingir o marco de 4 milhões de barris, ou de acordo com cenários mais otimistas, 6,5 milhões de barris, em 20 anos, isto é, em 2030.

Das novas projeções da EIA, isto representaria um acréscimo extraordinário ao abastecimento global de energia, exatamente quando se sabe que fontes atuais de petróleo convencional, em lugares como o México e o Mar do Norte, sofrem severo declínio. Contudo, a extração

de petróleo de areias poderia se demonstrar um poluidor de considerável grandeza. Em primeiro lugar, são necessárias notáveis injeções de energia do velho estilo para sua extração, enorme extensões de florestas teriam de ser limpas e utilizadas vastas quantidades de água para produzir o vapor necessário ao desalojamento da substância viscosa enterrada.

O que isto significa é que a produção das areias petrolíferas está certamente associada à pilhagem ambiental, à poluição e ao aquecimento global. Por isso, há grande dúvida de que responsáveis canadenses e o público em geral estarão, no final das contas, dispostos a pagar o preço econômico e ambiental envolvidos. Em outras palavras, seja o que for que o EIA possa projetar agora, não se pode saber ainda se os *synfuels* estarão realmente disponíveis nas quantidades necessárias daqui a 15 ou 20 anos.

A Venezuela tem sido desde há muito uma fonte importante de petróleo bruto para os Estados Unidos, gerando grande parte da receita utilizada pelo Presidente Chávez para sustentar seus experimentos sociais internos, bolivarianos e uma ambiciosa agenda política anti-americana no exterior. Nos próximos anos, contudo, espera-se que a produção de petróleo convencional naquele país, caia, deixando a Venezuela cada vez mais dependente da exploração de grandes depósitos de betume, petróleo pesado, na bacia oriental do Rio Orenoco. Só para desenvolver estes depósitos serão exigidos investimentos financeiros e energéticos significativos e, tal como as areias do Canadá, o impacto ambiental pode ser extremamente elevado.

Na realidade, o grande vencedor nessa difícil corrida de obstáculos da energia, será seguramente o Brasil. Além de produtor de etanol (26 bilhões de litros atualmente), o segundo do mundo, e progre-

dindo celeremente em biodiesel, espera-se ver um enorme aumento na produção de petróleo convencional, tão logo os novos campos ultraprofundos no Pré-sal das bacias do Espírito Santo, Campos e Santos comecem a produzir. As reservas efetivas do Pré-sal não têm ainda um número definido, embora se considere a descoberta da área de grande magnitude, de inegável importância para o Brasil. Os volumes potenciais anunciados pelo governo permitem, de maneira otimista, avaliar que os prospectos já identificados de Tupi, Iara, Guará e Jubarte, possuem volume de óleo capaz de dobrar a reserva brasileira. Lembra-se que o imenso depósito de petróleo descoberto na costa brasileira criou, de imediato, um verdadeiro arroubo de gigantismo. Esse deslumbramento subjetivo começou a criar perspectivas até fantasiosas, que aceleraram a sede de riqueza fácil e de poder continuado no País. A sabedoria secular ensina porém, que o bom-senso e cautela são da maior importância nessas situações, pois a sede pode ser intensa, mas o prêmio está a 7 mil metros de profundidade. Ao lado da euforia e incontida demagogia, ocorreram inúmeras indagações. Quais os desafios geológicos a vencer? Existe tecnologia para a exploração do petróleo no Pré-sal? Quanto custará e como será financiada a exploração? Quais os custos ambientais da exploração dessas reservas?

À guisa de ilustração e lembrando ocorrências recentes, é oportuno recordar que o Lehman Brothers, o quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos, quando colapsou há dois anos, todos se perguntaram como uma instituição de 158 anos, e que afirmava seguir regras de governança, podia implodir, provocando uma onda de destruição global. Cinco dias antes da catástrofe, o presidente do banco dizia que “a empresa estava na trilha certa”, o que seu diretor financeiro reforçou, garantindo que o nível de liquidez do banco per-

manecia forte e que apesar das convulsões do mercado, a organização estava segura e crescia sem correr riscos.

Tudo a ver com a tragédia iniciada em 20 de abril último, no litoral da Louisiana (EUA), quando ocorreu uma explosão na plataforma DeepWater Horizon, no Golfo do México. Neste caso, também, a garantia de que tudo estava sob controle e sem riscos era fornecida pelos dirigentes das empresas envolvidas. Ignorados os avisos, minimizados os riscos, chegou-se finalmente à conclusão de que as tecnologias disponíveis não foram capazes de estancar o derramamento de óleo, que só ocorreu 5 meses após o acidente. Foi incalculável o prejuízo acumulado para o meio ambiente, habitantes e atividades comerciais.

O acidente no Golfo do México não foi um desastre localizado, mas uma catástrofe de consequências globais. Na indústria do petróleo, o risco pode ser minimizado investindo em projetos adequados, fabricação de componentes e equipamentos de grande porte com alto nível de qualidade e política de segurança operacional de excelência. Entretanto, os órgãos de fiscalização e regulação devem ser independentes e, estes sim, exercem diretamente as denominadas funções de Estado.

Diante deste cenário voltamos a nos concentrar no Brasil, apenas nas reservas do Pré-sal. Se vigorar o novo marco regulatório, com o regime de partilha, o governo se torna sócio em todas as novas áreas de exploração e produção do Pré-sal, através da nova estatal, criada por lei recente. Nessas circunstâncias serão complexas as discussões sobre as responsabilidades, inclusive financeiras, entre a Pré-Sal S.A., ANP, Ibama, MME, Marinha e Petrobras.

Quando presenciamos os preparativos para a exploração do Pré-sal, das discussões na governança das instituições envolvidas, concluímos

que parece ser fundamental o realinhamento dos conceitos sobre geração de renda e riqueza, de modo a beneficiar sempre a todos, não permitindo o comportamento de cada um por si.

Na realidade, o acontecimento Pré-sal oferece condições práticas e alvissareiras de desenvolvimento para o Brasil, a saber:

- Segurança energética, com a garantia da manutenção da autossuficiência petrolífera.
- Blindagem quanto a eventuais crises energéticas mundiais.
- Melhoria da percepção de risco do País, possibilitando mais investimentos e captações financeiras a juros menores.
- Expansão do parque industrial e da engenharia brasileira.
- Desenvolvimento progressivo da tecnologia de ponta, consolidando a liderança nacional e internacional em exploração e produção *offshore*.
- Produção de volumes significativos de gás natural, contribuindo para um melhor equilíbrio da matriz energética.
- Aumento maior ainda da importância econômica e geopolítica do País nos cenários latino-americano e mundial.

Vencidos, como acreditamos e confiamos que serão vencidos os desafios técnicos substanciais para explorar os campos submarinos do Pré-sal, estima-se que a produção do Brasil atingirá 3 milhões de barris por dia nos próximos 10 a 12 anos. Em seguida o Brasil deverá ter forte participação na equação energética mundial e sucederá a Venezuela como o principal produtor de petróleo da América do Sul.

Novas potências, novos problemas

O relatório IEO alude a outras mudanças geopolíticas que estão a ocorrer na paisagem energética global, especialmente o esperado aumento no consumo da Ásia e o declínio correspondente nos Estados Unidos, Japão e de outros países do chamado “Primeiro Mundo”. Em 1990, os países em desenvolvimento da Ásia e do Oriente Médio representavam cerca de 15% a 17% do consumo energético mundial; em 2030, esse número, sugere o relatório, deverá ser superior a 40%, quase três vezes de aumento.

Todas as edições do relatório, a partir de 2005, previram que a China ultrapassaria os Estados Unidos como o consumidor número um de energia. Em 2006, estimava-se que a China estaria na posição de líder em 2026-2030. Em 2008, entre 2016-2020. Este ano, a EIA projeta que a China ultrapassará os Estados Unidos no período de 2010 a 2014.

Em 5 anos a liderança da China projetada para 2026-2030 passou a acontecer, agora, 15 a 20 anos antes.

Dado o que sabemos acerca das perspectivas minguantes quanto ao fornecimento futuro de petróleo, consolida-se a certeza de inevitável disputa geopolítica entre as duas grandes nações, nas áreas capazes de produzir quantidades adicionais do produto e, sem dúvida, genuína preocupação em outros países, com muito menos recursos e poder.

Como principal consumidor de energia do mundo, Pequim poderá desempenhar papel mais crítico no estabelecimento de políticas internacionais a respeito e na questão de preços, deslocando a tradicional supremacia de Washington. Pode-se até imaginar o empenho

e o interesse de grandes produtores no Oriente Médio e na África, estreitando mais ainda laços políticos e econômicos com a China, às custas dos Estados Unidos. Pode-se esperar também que a China mantenha relação mais próxima ainda com fornecedores como o Irã e o Sudão, não importando objetivos americanos de política externa.

À primeira vista, o International Energy Outlook de 2009 não parece diferente das edições anteriores: um tedioso compêndio de tabelas e textos sobre tendências energéticas mundiais. Encarado sob outro prisma, contudo, ele faz alarde sobre as manchetes do futuro – e as notícias não são propriamente de cenários confortáveis.

A equação energética global está se modificando rapidamente, isto é o que procuramos apresentar sumariamente aos Senhores Conselheiros.

O petróleo no Brasil e no mundo continuará influenciando de modo crucial toda a economia, beneficiando ou não as mais variadas soluções para o desenvolvimento e bem-estar das nações. Sua influência continuará sendo sentida por décadas e o seu peso específico no progresso da humanidade, orientará por muito tempo ainda importantes decisões políticas.

Quando se estuda o tema petróleo e se recorre à memória, a atual posição brasileira se destaca particularmente. Na comparação com 20, 30 anos atrás, o avanço do nosso País nas atividades de descobrimento, exploração, produção, comercialização, revelam o surpreendente êxito nacional nos trabalhos realizados na área de energia.

Há condições inegáveis para prosseguir avançando, avançar mais ainda, se trabalharmos seriamente, com dedicação, entusiasmo e talento, sem o viés puramente ideológico e a tentação da demagogia. Esta, senhores, é a esperança que anima a todos nós.

Bibliografia

Relatório Energy Information Administration de 2009.

International Energy Outlook de 2009.

Relatório de Diretoria da Petrobrás de 2009.

Palestra proferida em 28 de setembro de 2010